

## DE GUIMARÃES E SERAFINS, NARRATIVAS QUE SE CONFIGURAM COMO EXPERIÊNCIAS ONTOLÓGICAS: NOTA SOBRE O CONTO “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO”

Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora\*  
Giseli Gomes Dalla-Nora\*\*

**RESUMO:** Neste artigo, à luz das sensações – experiências-oriundas de leituras do conto “Nada e a Nossa Condição”, fulcrado nas mencionadas experiências, apresenta-se uma analogia entre a história de Serafim Esperdião, personagem tão real que parece inventado e a estória de Tio Man’ Antônio, personagem tão bem inventado que parece real.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Estilo. Narrativa.

### Preâmbulo (Introdução)

Muitos são os textos que tematizam o estilo Rosiano. Em sendo assim, é arriscado enveredar nesta senda, entretanto, a despeito de se prefigurar como dangerrosíssima travessia, ponderados riscos e recompensas, optei por perfazê-la. Fato é que há muito vem maturando em mim este texto, atento ouvinte dos causos contados por Guimarães Rosa, propus-me a identificar o que subjaz às sensações e sentimentos suscitados cada vez que releio contos deste mundialmente mineiro.

Elaborada a percepção de que o enlevo, por vezes epifânico que me alcança quase sempre, ao ingressar no universo mágico real das estórias rosianas, configura-se como uma rememoração autopoietica, um sentimento de pertença que remete a sensações análogas as que eu experienciava tangido fortemente pelos causos contados por Serafim Esperdião, avô paterno, adensou o desejo estertorante de publicizar esta percepção que entrelaça o avô narrador ao contador de histórias escritor.

Decorre do fato posposto a compreensão de que venho sendo iniciado nos contos rosianos, desde tenra idade, tempos em que ouvia os causos contados pelo avô. Posto que aprendi a arte de viajar nas tessituras tão diligentemente tramadas pelo ancião de cabelos parcos, encarapinhados, calça cinza, cujas dobraduras deixavam à vista, pés pretos, fornidos, feitos bronze; muito antes de percorrer a veredas literalizadas na obra de Guimarães.

Adentrei os umbrais destes mundos lavrados pela palavra de um analfabeto. Velho magro, corcunda, capaz de franzir o cenho, dilatar as narinas e evocar polifonicamente a plêiade de personagens que se apresentavam diante da fornalha, enquanto debulhávamos milho. Ora uma velha nauseabunda incapaz de se compadecer da fome de outrem, agora delicada senhora capaz de personificar toda a piedade humana, depois o diabo travestido de elegância e garbo... magia tão real que não raro extirpava meu sono e me fazia transpor o umbral de diferentes mundos e plasmá-los em meu ser, inexorável, inolvidavelmente.

Decorreram anos, nem mesmo o desbordar do tempo foi capaz de matar as memórias que promovem meu encontro com meu avô, contador de estórias, encantador de gentes que há quase duas décadas encantou-se e foi entreter outros Serafins nas travessias lúgubres do sem-fim. No ouvir transcendente da prosa de Rosa, também transcendi e as memórias vividas, inventadas, rememoradas, permitiram-me reunir João Guimarães Rosa e Serafim Esperdião, dois mineiros que fizeram da contação, diamante infável, lavra, cujo labor, sustentou-se pela

---

\* Doutor em Educação. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso IFMT, Cuiabá, MT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2092-533X>. E-mail: [edson.evangelista@ifmt.edu.br](mailto:edson.evangelista@ifmt.edu.br)

\*\* Doutora em Educação, professora de Nível Superior da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, MT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8890-7832>. E-mail: [giseli.nora@ufmt.br](mailto:giseli.nora@ufmt.br)

palavra. Instaurou-se assim um processo no qual ler/ouvir os contos de autoria do primeiro tornou-se vereda que me leva ao encontro do narrar causos, do segundo. Na magia da palavra de João encontro o encantamento de Serafim e, nesta travessia dois mundos se confluem, entrelaçam-se.

Neste texto, tenciono externar o modo como o mago Guimarães ao empregar figuras de linguagem na feitura do Conto “Nada e a Nossa Condição” erigiu um mundo mágico real que me leva à experiência, da qual emerge fulgurante aquele narrador imorrível, trajando calças cinza, que, dobrada à altura do tornozelo, deixa antever pés pretos fornidos, feitos bronze; olhos vívidos de pouco ver e voz trovejante capaz de captar os silêncios e condensar toda a sabedoria nos dizeres lacunares de Tio Man.

## Travessia

Fazendeiro de mais excelência que presença, este Tio Man` Antônio, de acordo com o narrador, jamais nomeava a fazenda como tal, esquivamente a invocava com um lacunar “Lá em casa, Vou para Casa”. Propriedade vasta e distante, cujo proprietário a comprara a próprias expensas. Vastidão de terras situadas em terreno montanhoso, “de onde o ar num máximo raio se afinava translúcido.” Ali em casa assobradada, após realizar demorada viagem transpondo píncaros e grotões, mais desafastando que se aproximando, com olhar contemplativo, capaz de ver e fazer ver cada curva, cada pico, cada grota do caminho, ele chegava e era recebido por Tia Liduína, a de imemorial cordura, certa para o nunca e sempre. Rodeavam-no as filhas, “singelas, sérias, cuidosas, como supridamente sentiam que o amavam”. Antecedia este aconchego as saudações de gente indígena e diversidade de servos que ao longe estanciavam e bem antes da primeira porteira o salvavam “com invariável sus’ Jesus.

Não obstante, um incidente, quiçá, o conflito sobre o qual o autor se assenta para delinear a narrativa, sobreveio ao modo de viver “feito tenção” deste sobredito Tio Man. Eis que, “Tia Liduína, sua mulher, no entrecorte de um suspiro sem ai e uma avemaria interrupta”, morreu. Falto, alijado da presença da que era para o sempre e para o nunca, o fazendeiro, põe-se a maquinar uma refazenda que, nos meneios que compõem os meandros da trama rosiana tece o contexto para um desfecho surpreendente, mas disto tratarei no divagar deste texto.

Por ora, convido a que venhas comigo e imersos na feitura do conto, busquemos compreender por que o estilo rosiano marcado no conto supra suscita sensações e sentimentos capazes de se inscreverem ontologicamente, plasmados em meu ser. Enuncio como ponto de partida que na composição de “Nada e a Nossa Condição”, os recursos poéticos se configuram como parte essencial do texto prosaico, poeticamente tecido. Na construção da narrativa, assonância, aliteração, antíteses, paradoxos, hipérbatos, prefiguram como elementos essenciais à construção dos sentidos possíveis no âmbito do texto, em outros termos, o autor constrói a coerência interna do texto fulcrado na utilização destes recursos poéticos. Senão, vejamos:

À que- assobradada, alicerçada fundo, de tetos altos, longo, e com quantos sem uso corredores e quartos, cheirando a fruta, flor, couro, madeiras, fubá fresco e excremento de vaca – faziaface para o norte [...] (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 99).

No excerto, Rosa cômico e laboriosamente, mais que fazer a descrição da casa, sede da fazenda de Tio Man, invoca o leitor a olhar, cheirar, ingressar no interior da casa, vendo inclusive o que não se pode ver à primeira vista – “alicerçada fundo”. Por meio da combinação de aliterações, assentes ora no fonema consonantal R, ora no fonema consonantal F, e assonâncias sustentadas nos fonemas vocálicos A e O, Rosa tenciona inserir o leitor num jogo de luzes – claro na assonância em A, fechado na assonância em O- bem como o invoca a caminhar pelos “quantos sem uso corredores” como que guiado pelos cheiros que exalam estes últimos, esgrimados no som reiterado das letras F e R. Acrescente a isto o ritmo que tais

combinações criam e compreenderás inclusive, que a temporalidade com que o autor sugere que caminhes pela casa, um tempo demorado, quase melodioso que resguarda uma pitada de mistério. Mistério que de certo modo, parece antecipar possíveis desfechos para o conto.

Outrossim, é mister fazer a travessia de volta com o fito de acompanhar a contrapelo, Guimarães no instigante jogo de opostos que o autor lança mão ao apresentar Tia Liduína, “*Tio Man’ Antônio, esperava-o lá a mulher, Tia Liduína, de árdua e imemorial cordura, certa para o nunca e sempre*” (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 100). Bastaram ao autor duas frases para aproximar o leitor desta mulher indelével, por assim dizer, pois evoca a imagem de mães, tias, avós devotadas que sustentaram desde sempre os pilares dos casarões regiadamente regidos por patriarcas que, por vezes se assenhoravam de gados e gentes. Por fortuna, Tio Man parece, por propósito do autor, romper com costumeira regra.

Entrementes, Tia Liduína, graças a estes arquétipos de mulher, redivivo na memória deste povo tupiniquim, chega perto, pertinho e de repente, afigura-se e se personifica afetuosamente nos pensamentos da gente, ganha vida e o leitor a pode ver recebendo com préstimos e afeto ao fazendeiro dileto. Forma e conteúdo entrelaçam-se, a prosa, feito poesia ecoa para alcançar o efeito pretendido por Rosa na contação. Para tanto, além de seguir explorando os efeitos de aliterações com fonemas consonantais R e C, assonâncias com fonema vocálico A, o autor introduz novos elementos poéticos na narrativa, quais sejam antíteses, marcadas nos termos que evocam campos semânticos opostos: árdua/cordura, certa/nunca/sempre. Dispostos próximos e em paralelo, estes termos aliados à carga afetiva da expressão “Tia”, fazem com que a esposa do Fazendeiro receba a cada leitor/leitória afetuosamente à porta do casarão assobradado.

Escolha estilística similar pode-se vicejar na maneira com as filhas de Tio Man’ Antônio entram em cena: “*E rodeavam-no as filhas, singelas, sérias, cuidosas, como supridamente sentiam que o amavam*”. Conciso uma vez mais, o autor introduz as filhas da personagem principal no enredo, no conto a apresentação delas se dá de modo contíguo ao surgimento da Mãe. O uso da conjunção aditiva “E” cria a sensação de que o fazendeiro vive cercado de carinho, contribui para esta sensação também a escolha lexical “rodeavam –no as filhas”, é como se Tio Man, uma vez acolhido por Tia Liduína e rodeado pelas filhas, fosse envolto por uma bolha de cordura, lealdade, amor. Sentimento tangível ao leitor atento, pois aqui o autor se escuda na aliteração quase inusual do fonema consonantal S e avança para além das antíteses, cria um campo semântico marcado por um pensamento erigido em ideias opostas com epicentro nos termos Singelas/ Sérias. Ora, é sabido, que nestas Terras Brasilis o primeiro termo evoca uma diversidade de sentidos que fazem alusão no mais das vezes, àquilo que é meigo, delicado, frágil, empático; ao passo que, o segundo flerta com termos que evocam altivez, retidão, por vezes, antipatia. Eis o paradoxo elaborado pelo autor ao apresentar as filhas de Tio Man.

Tio Man’ Antônio também é apresentado segundo arranjos artísticos, lavrados na palavra. O autor, consabidamente, atende aos preceitos do conto, narrativa curta em que personagens são caracterizados no âmbito das ações. Neste caso, na paragem do pensamento, aura de mistério que envolve desde sempre o fazendeiro, ação pousada no demorado, lento agir.

Assim, a respeito dele, muita real coisa ninguém sabia. [...] Só se de longe. Senão quando vinha, constante, serraacima, a retornar viagem, galgando caminhos frágios, à beira de despenhadeiros e crevassas – grotas em tremenda altura. Da varanda, dado o dia diáfano, já ainda a distância de tanto e légua avistavam-no, pontuando o claro do ar, em certas voltas de estrada, a aproximar-se e desaproximar-se, sequer sequente. (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 100).

Aqui, o escritor nos leva a olhar a personagem no itinerário, observado desde longe, quiçá pela esposa, filhas; talvez pela gente do serviço. Metáforas, hipérbatos e novamente aliterações, acrescidas do neologismo “desaproximar”, prestam-se a caracterização deste

Senhor com mais excelência que presença. A despeito do tortuoso caminho, Tio Man parece deslizar sobre a paisagem, uma miragem quase, no dia diáfano, tão tranquilo à beira das crevassas, que o contador de estórias, sente-se à vontade para explicitar o sentido do termo insólito. Sequente, narrador onipresente, com artimanhas de onisciência traz à luz e deixa antever um pouco mais da personagem, mas de tal forma e seja um convite a contemplá-lo na travessia de despenhadeiros e grotas de tremenda altura, todavia atento a pequenos gestos por meio dos quais, poder-se-ia humanizar ao seu tanto este viajor que desfruta a viagem no devagar do passo.

Insistindo, à cavalga no burro forçoso e manso, aos poucos avançava, Tio Man' Antônio, em rigoroso traje, ainda que a ordinária roupa de brim, cor de barro, pois que sempre em grau de relés libré; e sem polainas nem botas, quiçá nem esporas. A tento, amiúde, distinguir-se-iam mesmo seus omissos gestos principais: o de, vez em vez, fazer que afastava, devagar, de si, quaisquer coisas; o de alisar com os dedos a testa, enquanto pensava o que não pensava, propenso a tudo, afetando um cochilo. Nem olhasse mais a paisagem? (GUIMARÃES ROSA, 1974, p.100)

Tio Man, vai se corporificando e, a exemplo daquele Senhor de calças cinza que, arregaçadas por cima do tornozelo, deixavam antever pés pretos feitos bronze, deixam-se conhecer somente se observados mais demoradamente e percebidos para além das aparências; ambos tanto a personagem composta por Rosa, quanto o ancião, contador de estórias, tem mais excelência que presença. O mesmo despojamento no que concerne à vestimenta, a sabedoria em afetar desconhecer o sobejamente sabido. Análogos gestos os constituem, envolvendo-os em uma aura que transcende as vaidades comezinhas, mais excelência que presença fomenta o mistério e os integra à natureza de tal modo que emergem especulações sobre a fonte de tal poder.

No caso de meu avô, segredavam a capacidade de conhecer incertas rezas obrigativas, capazes até de fazer cessar o fogo em meio ao milharal, em pleno meio dia seco de agosto; estancar os nefastos efeitos da peçonha de serpentes ou fazer dores de cabeça, ao rezar com as mãos na cabeça da gente. Já Tio Man, quando parece não mais olhar a paisagem, melhor a vê, parece pactuarem, entre si.

Sim, se os cimos – onde a montanha abre asas- e as infernas grotas, abismáticas, profundíssimas. Tanto contemplava-as, feito se, a elas, algo, algum modo, de si, votivo, o melhor, ofertasse: esperança e expiação, sacrifícios e esforços – à flor. Seria, por isso, um dia topasse, ao favorável, pelo tributo gratos, o rei -dos-montes ou reidas-grotas – que de tudo há e tudo a gente encontra? (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 100).

Ao incompreensível desde os primórdios, atribui-se efeitos mágicos, tão contrastante era a postura do fazendeiro, mesmo para o olhar da gente simples era impossível conceber um proprietário que, ao bel prazer, poderia dispor de gado e gente, primar tão decisivamente pelo ser, antes do ter, dito de outro modo, ter e prosseguir sendo. Fazendeiro sem pressa, sem capitalizar o tempo, sem fazer alardes dos bens possuídos e, mais, sem se deixar possuir por eles; vivendo de modo tão estoico, sem queixas, nem excessos em conformidade com o contexto, somente se explica por meio de artes de magia, pacto firmado com entes transcendentais.

Também este Tio Man' Antônio manifestaria oportunamente esta característica reservada a uns poucos, a qual veio ao lume mais tardiamente, depois de o haver alcançado muito proximamente, a ineludível, a inescapável, como vaticinara aquele poeta pernambucano. Da morte daquela que era para o sempre e o nunca, nasceu o fazendeiro que fazendo de conta cambiaria o mundo circundante.

Sua mulher, Tia Liduína, então morreu, quase de repente, no entrecorte de um suspiro sem ai e uma ave-maria interrupta. Tio Man' Antônio, com nenhum titubeio, mandou abrir, par em par, portas e janela, a longa, longa casa. Entre que as filhas, orfanadas, se abraçavam, e revestia-se a amada morta, incôngruo visitou ele, além ali, um pós um, quarto e quarto, cômodo e cômodo. (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 101).

O arranjo primoroso do autor, ao narrar a morte da esposa do fazendeiro, já fora tematizado neste texto, cumpre explicitar que Rosa continua recorrendo a aliterações, gradação, inversões, antíteses, todas vigentes neste parágrafo; em clara demonstração de como os recursos poéticos prestam-se à construção da narrativa como experiência que toca. Entrementes, o foco recai agora na atitude de Tio Man, ante o imponderável, urge agir, mas que esperar de um fazendeiro com mais excelência que presença? Que esperar de Tio Man, ante fatídico fato?

Pelas janelas, olhou; urgia a divagação. Passou a paisagem pela vista, só a segmentos serial, como dantes e ainda antes. De roda, na vislumbração, o que dos vales e serros vem é o que o horizonte é- tudo em tudo. Pois, noutra lança de vista, ele pegava a paisagem pelas costas: as sombras das grotas e a montanha prodigiosa, a vanecer-se sobre asas. Ajudavam-no, de volta agora que delas precisava? Definia-se, ele, ali, sem contradição nem resistência, a inquebrantar-se, desde quando de futuro e passado mais não carecia. (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 101).

Devagar, divagando, o fazendeiro olha de um jeito novo, o já visto e, “ao pegar a paisagem pelas costas”, define-se na transcendência do tempo dimensionada por esta mirada insólita ao consabidamente vivenciado.

Do fatídico emerge uma nova perspectiva, desta última a epifânica revelação daquele que tendo mais excelência que presença, estivesse, talvez, forjado desde o princípio, para ser muito mais que ter. Conforme, pode-se depreender no trecho seguinte.

Com ver, porém, que Tio Man' Antônio a andar de dó se recusasse, sensato sem cuidados, intrágico, sem acentos viuosos. Inaugurava-se grisalho, sim, um tanto mais encolhidos os ombros. Ele – o transitório – só se diga, por esse enquanto. Nada dizia, quando falava, às vezes a gente mal pensava que ele não se achasse lá, de novo assim, sem som, sem pessoa. Ao revés, porém, Tio Man' Antônio concebia. – “Faça-se de conta!” – ordenou em hora, mansozinho. Um projeto, de se crer e obrar, ele levantava. Um, que começaram. (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 102).

## **Refazenda**

Apartado da presença daquela que era para o nunca e sempre, certamente o viúvo enlutado fora tangido pela dor, todavia o sofrer, estoicamente, rechaça com o agir, o mando mansozinho movido pelo propósito de fazer de conta, fazendo. Mansozinho, neologismo, cunhado à medida para traduzir este jeito mineiro de mandar como quem pede. Atitude tão típica de meu avó, com qual, os netos regozijavam-se ao trabalhar no roçado ou se punham pressurosos para ajudá-lo em quaisquer outros labores, era gratificante dar um adjutório àquele ancião que mandava mansozinho e, que porquanto, nunca estava sozinho. Por outro lado, a palavra inventada por Rosa, traduz a perspectiva que se apresentava ao viúvo, ante a perda de Tia Liduína. De modo que, distintamente de meu avô, cuja companhia era ansiada e buscada pelos netos “Man sozinho” pôs-se a orquestrar teu plano de faz de conta e, mansozinho mandava.

Seus pés-no-chão, muitos camaradas, luzindo solsim foices, enxadas, facões, obedeciam-lhe, sequacíssimos, no que com talento de braços executavam, leigos, ledos, lépidos. Mas ele guiava-os, muito cometido, pelos sabidos melhores meios e

fins, engenheiro e fazedor, varão de tantas partes; associava com eles, dava coragem. – “Faz de conta, minha gente ... Faz de conta ...” – em seu bom sussurro, lábios de entre-sorriso, mas severo, de si inflexível, que certo. Matinava, dia por dia, impelindo-os, arrastando-os, de industrialização, à dobrada dobradura, a derrubarem mato e cortar árvores, no que era uma reformação – a boa data de trabalhos. (GUIMARÃES ROSA, 1974, pp. 102-103)

Com metonímia vigorosa, “seus pés-no-chão”, o autor retoma os linhames da prosa que segue marcada pela ritmação intensa com que os camaradas de Tio Man acudiam à industrialização: leigos, mas ledos e lépidos, prestavam-se a ser guiados por um bom sussurro a procederem a uma verdadeira reformação. Reforma na ação, o agir de Tio Man ainda que, à vista de todos, mais ocultava que desvelava; Man sozinho, voltava ao início ao antes de antes, vicejando à transcendência, lograva impelir, arrastar aos camaradas que não entendiam tais planos; engenheiro e fazedor de um projeto urdido na fatídica solidão, forjado na dor da perda, concebido sozinho, levado a cabo em um faz de conta concreto, cujos resultados foram notados pelas filhas somente no depois.

De arte que inventava outro sorrir, refeito ingênuo; esquecer-se de todos os bens passados. E seu surdo plano, enfim, no dia, se fechou. De sorte que as filhas viram que já tudo estava pronto; e se contristaram. [...] Com que – e por que ideia ingrata e estranhável – pretendia ele desmanchar o aspecto do lugar, que de desde a antiguidade, a fisionomia daquelas rampas de serras, que a mãe vira e quisera? No desbaste, rente em redor, com efeito, nada se poupava – nem o mato lajeiro, tufos ticos de moitas, e arbustos - onde ali tudo se escampava. A ponto isto foi, de interpelá-lo a filha diletta, Francisquinha, aflita meigamente. Se não seria aquilo arrefecido sentimento, pecar contra a saudade? (GUIMARÃES ROSA, 1974, pp. 103-104)

Da “reforma ação” da paisagem exterior, concebida por Man Sozinho, no sinestésico Plano surdo, emerge um novo sorrir, o desapego aos bens e coisas passadas. Não obstante, a que custo? A julgar pela interpelação de filha diletta Francisquinha, feita aflita meigamente. Foi custoso aos que estavam do convívio compreender a reconstituição de Tio Man. Processo laborioso, externado pelo autor por meio de aliterações com o fonema F, fricativa, capaz de suscitar um ritmo trôpego que desaba na atitude paradoxal da filha ante o pai: aflita meigamente. Entrementes, Man nesta travessia de si para si, não se aflige com a incompreensão de outrem.

Assim ele muito a ouviu, e com, quieto estar mirando-a, respondeu-lhe, se bem que outro tanto alheio, alhures. – “Nem tanto, filha... Nem tanto...” Donde que, ao passo que o dizia, quem sabe, em segundo soslaio, sorria, sem passar de palavra a outra palavra. Mostrou-lhes: lá os campos em desdobra – o que limpo, livre, se estendia, em quadro largo, sem sombrios, aberta a paisagem – o descampado airoso e verde, ao mais verde grau, os capins naquela vivacidade. [...] aquém e além, como árvores deixadas para darem sombra aos bois no ruminar do calor, só e muito se divisavam, consagradas, a vistosa sapucaia formidável, a sambaíba sertaneja à borda da Sorocaba e, para fevereiro-março e junho-julho, sem folhas, sendo-se só flores, a barriguda rósea e a paineira purpúrea-quase-rubra, magníficas, respectivas. Outras, outras. Mas, não mais, no qual lugar, que aquelas que Tia Liduína em vida preferia amar – seus bens de alegria! (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 104)

Entre os bens do passado, Tio Man, por meio da “reforma ação”, pretende, ao que parece suplantar o bem maior, Tia Liduína. Mas, mencionada manobra não passa ao largo da percepção das filhas, o legado daquela que era para o nunca e sempre atine a um novo mundo, forjado por um velho novo homem. Fato é que neste processo de tornar-se o que poderia vir a ser, o fazendeiro, quiçá intuitivamente, antecipou-se no que tange a novas perspectivas econômicas.

Que, não é que, em seu dito cuidar e encaprichar-se, sem querer também profetizara, nos negócios, e fora adivinho. Porque subiu, na ocasião, considerável, de repente, o preço do gado, os fazendeiros todos querendo adquirir mais bois e arrumar e aumentar seus pastos. Tio Man' Antônio, então, daquele solerte jeito, acertara tão em pleno, passando-lhes, à frente e sem nenhum alarde. [...] Nada leva a não crer, por aí que ele não se movesse, prático, como os mais; mas, conforme a si mesmo: de transparência em transparência. Avançava, assim, com honesta astúcia, se viu, no que quis e fez? No outro ano e depois, quando, à arte de contristes celebrarem como se fosse ela viva e presente, o dia De Tia Liduína, propôs uma festa, e para enganar os fados. [...] Que deu, as filhas concordando. Elas estavam crescidas e esclarecidas. Vieram moços, primos, esses tinham belas imaginações. Tio Man' Antônio recebendo-os e vendo-os, a beneplácito. E as filhas formosas, três, cada uma incomparável, noivaram e se casaram, em breve os desposórios. Vai, foram-se, de lá, para longes diversos, com os genros de Tio Man' Antônio. Ele permaneceu, de outrora e hoje-em-diante, ficou que. Ali, em sua velha e erma casa, sob azuis, picos píncaros e desmedidas escarpas, sobre precipícios de paredões, grotões e alcantis abismosos – feita uma mansão suspensa – no pérvio. (GUIMARÃES ROSA, 1974, pp. 104/105).

De transparência em transparência, o velho fazendeiro atinava também para as coisas materiais, nossas coisas, todavia, solerte no jeito, parecia perscrutar mais ser do que ter, ser conforme a si mesmo. Idissiocracia, traduzida na imagem paradoxal construída pelo autor ao entrelaçar os termos honesta e astúcia. Transparentemente, ou melhor, coerente consigo mesmo, Tio Man' Antônio move de modo a concatenar ações até lograr o propósito vicejado. Assim, dissipa as névoas memorialísticas de Tia Liduína, festejando; oportuno festejo que promove o encontro entre as filhas moças e os moços primos, daí às bodas, breve. Desposadas as filhas, distribuídos os dotes, encontra-se, podendo então permanecer de outrora e hoje-em-diante ali em sua velha e erma casa sobre alcantis abismosos, mansão pairando suspensa. Sozinho, Man, ruma firmemente, ainda que de sutilezas feito para converter-se no que viria a ser, sem pressa, porquanto rearrumemos o rumo da prosa. Posto que

Sozinho sim, não triste. Tio Man' Antônio respeitava, no tangimento, a movida e muda matéria. [...] Tão próspero em seus dias, podia larguear, tinha o campo coberto de bois. Tudo se inestimava, porém para Tio Man' Antônio, ali, onde, tudo o que não era demais, eram humanas fragilidades. [...] Em termos muito gerais, haveria mor justiça; mister seria. Se o paiol limpo de deve de, para as grandes colheitas: como a metade pede o todo e o vazio chama o cheio. E foi que Tio Man' Antônio algum dia resolveu, consequentemente assim, se se crê. Deveras, aquilo se deu. O que foi uma muito remexida história. E eis. E pois. (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 106)

O místico e o pragmático residem juntamente em Tio Man, somente por meio de uma escrita, cuja coerência reside em aproximar os opostos, mesclar termos e campos semânticos equidistantes, criar metáforas inusuais, é que o autor logra o intento. Uma aura mística se eleva em torno àquele que sempre tivera mais excelência que presença, algo está por vir, para tanto, se deve crer em uma história remexida, multifacetada, não conforme a si mesma, “e eis; e pois”. E o fazendeiro aproximava-se cada vez mais desta epifania no qual se converterá em ente mais que gente, uma pequena deidade ou um demônio quase, venturoso, capaz encontrar-se a si no despojamento total, quase, e amar mesmo aqueles a quem não compreende, pelos quais, tampouco é compreendido; conforme me é permitido depreender do epílogo, que passo agora a expor.

Aos poucos, a diverso tempo, às partes, entre seus muitos, descalços servos, pretos, brancos, mulatos, pardos leguelhês prequetês, enxadeiros, vaqueiros e camaradas – os próximos – nunca sediciosos, então Tio Man' Antônio doou e distribuiu suas terras. Sim, tudo procedido à quieta, sob espécie, com o industrioso de silêncios, a fim de logo não se espreitar todo-o-mundo em cobiça, ao espalhar-se o saber do que agora se

liberalizava ali, em tanta e tão espantosa maneira. [...] E ele mesmo, de seu dinheiro ganho, fingia estar vendendo as terras, cabidamente, dinheiro que mandava, pontual, às filhas e genros, sendo-lhes levado recado, para fazer crer. [...] E tudo Tio Man' Antônio deixando por escrito, da própria e ainda firme mão exarado, feito se em termos de ajuste, conforme quis e pôs. [...] De seu, nada conservava a não ser a antiga, forme e disforme casa, naquele eminência arejada, edifício de prospecto decoroso e espaçoso: de onde o tamanho do mundo se fazia maior, tansclaro, sempre com um fundo de engano, em seus ocultos fundamentos. Nada. Talvez não. Fazia de conta nada ter; fazia-se, a si mesmo, de conta. Aos outros – amasse-os – não os compreendesse. (GUIMARÃES ROSA, 19974, pp. 107-108).

Fazendo de conta, o agora ex-fazendeiro, por escolha, fez-se a si mesmo, de modo peculiar delibera-se por desfazer-se das terras feitas com tanta labuta, parece ter ciência de que os bens materiais, a bem da verdade, a ninguém pertencem, pois tendo doado legalmente as terras, contemplando tanto prequetés quanto enxadeiros, leguelhés, com a condição apenas de que resguardassem silêncio e sediciosos não fossem, Tio Man revela ter alcançado e com industrio de silencio transcender a imanência material, entretanto, certamente, em seu cotidiano viver e trivial existir, a grande maioria da gente, não quer ou não pode compreender um ser que faça morada neste entrelugar, imanente e transcendente, ocupante da casa senhorial, a sede, o lá em casa, bem único do qual, não se desfizera. Então se revela em efêmera filosofia o paradoxo de “Nada e a nossa Condição”.

Faziam de conta que eram donos, esses outros, se acostumavam. Não o compreendiam. Não o amavam, seguramente, já que sempre teriam de temer sua oculta pessoa a respeitar seu valimento, ele em paço acastelado, sempre majestade. Por que, então não se ia embora então, de toda vez, o caduco maluco, estafermo, espantelho? Sábio sedentariado, queria que progredissem e não se perdessem, vigiava-os, de graça, ainda administrava-os, deles gestor, capataz, rendeiro. (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 108).

### **Transitoriar (Conclusão)**

Acostumados celeremente a serem donos, os antigos serviçais agora rechaçam a presença daquele que outrora fora dono e que, beneplacitamente, com eles compartilhara farta fortuna. No faz de conta construído e sustentado por uma deontologia elaborada durante toda uma vida não era fácil inserir-se, tampouco compreender. Assim, ex-leguelhés, pequenos prequetés, infaustos enxadeiros enveredaram-se na senda do mais ter, pressurosos, queriam esquecer e fazer esquecer aquilo que foram, porquanto o incômodo constante com o testemunho de Tio Man, por discreta que fosse a postura assumida pelo ancião. Distantes, incapazes de entender a grandeza subjacente à atitude daquele senhor que sempre tivera mais excelência que presença, desqualificam-no primeiro, detestam-no, por fim. Não obstante, Tio Man' Antônio,

rumo a tudo, à senha do secreto, se afastava – dele a ele e nele. Nada interrogava – mais horizonte e enfim – de cume a cume. Pelo que vivia, tempo aguentado, ele fazia, alta e serena, fortemente, o não-fazer-nada, acertando-se ao vazio, à redessimportância; e pensava o que pensava. Se de nunca, se de quando, se de quando. [...] Em meio ao que, àquilo deu-se. Deu – o indeciso passo, o que não se pode seguir em ideia. Morreu, como se por um furo de agulha um fio. Morreu; fez de conta. Neste ponto, acharam-no, na rede, no quarto menor, sozinho de amigo ou amor – transitoriador – príncipe e só, criatura do mundo. (GUIMARÃES ROSA, 1974, p. 108).

Transitoriador, o neologismo traduz a condição de qualquer ente pensante, vivo no mundo, mesmo daqueles cuja trajetória tenha sido a busca perene da transcendentalidade, assim como Tio Man, assim como Serafim, meu avô; o primeiro pereceu, príncipe só; o segundo

chegou ao fim, ao princípio quiçá, cercado de filhos, netos e bisneto. Ambos perfizeram um percurso peculiar. Serafim, com poucas terras para produzir, fez fartura no faz de conta desde sempre. Fazendeiro, Tio Man, veio desconstituindo-se em uma desfazenda, no faz de conta, fazia-se desimportante. Importando-se em nada ser. Mais excelência que presença, eis a similitude que possibilita entrelaçar o universo – pluriverso - personagem rosiano à história do velho contador de estórias, ambos, um com um exemplo vivido, outro configurado em enredo vívido, ensejam excogitações transcendentais sobre “Nada e a nossa condição”. Transitoriadores, cuja abertura ontológica, em um faz de conta real, leva-nos a instar: Tio Man, Serafim, será fim, será o fim?

### **GUIMARÃES AND SERAPINS, NARRATIVES THAT ARE CONFIGURED AS ONTOLOGICAL EXPERIENCES: NOTE ON THE SHORT STORY “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO”**

**ABSTRACT:** In this article, in light of the sensations – experiences-derived from readings of the short story “Nada e a Nossa Condição”, based on the aforementioned experiences, an analogy is presented between the story of Serafim Esperdião, a character so real that he seems invented, and the story of Tio Man'Antônio, a character so well invented that he seems real.

**Keywords:** Guimarães Rosa. Style. Narrative.

### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*.

2002. In: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA). Pdf

\_\_\_\_\_. *Tremores: Escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. *Déjame que te cuente: ensaios sobre narrativa e educación*. Barcelona: Laertes, S.A, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*, São Paulo, Perspectiva, 1974.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011. CARDOSO, Rafael.

GERALDI, João Wanderley. *No espaço do trabalho discursivo, alternativas*. In: \_\_\_\_\_. *Portos de passagem*. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

**Data de Submissão: 15/04/2023**  
**Data de Aceite: 24/09/2023**